

Alta de juros à vista

O expressivo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro semestre, de 4,2% em relação ao mesmo período do ano passado, pode ser um fator decisivo para que o Banco Central aumente a taxa básica de juros (Selic) nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom). Essa perspectiva, no entanto, apavora o deputado Delfim Netto (PP-SP). "O BC é um terrorista, que cria as próprias expectativas", afirmou, numa clara alusão às ameaças de aumento da Selic que o Copom fez nas atas das últimas duas reuniões.

Na opinião de Delfim, uma alta dos juros neste momento só trará custos para o Tesouro Nacional, que verá o custo da dívi-

da pública aumentar. Para cada ponto percentual de alta da Selic, os gastos com juros aumentam R\$ 4,2 bilhões em um ano. Além disso, acrescentou o deputado, a subida dos juros poderia abortar o ciclo de crescimento, uma vez que os empresários se sentiriam desestimulados a ampliar a produção, temendo retração na demanda.

Para Paulo Pinho, diretor do Banco Banif-Primus, será muito difícil para o Banco Central não aumentar os juros diante da insistência da inflação em se manter próxima de 7% no acumulado de 12 meses. A discussão, segundo ele, é se a elevação da Selic vai acontecer antes ou depois das eleições municipais de outubro.

Daniel Ferreira s



DELFIN: "O BC É UM TERRORISTA QUE CRIA AS PRÓPRIAS EXPECTATIVAS"

"Com certeza, no mês que vem os juros não subirão", acrescentou o presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid), Alfredo Setúbal.

Tanto Pinho quanto Setúbal

argumentaram que o aumento dos juros, diante da pressão inflacionária que está atormentando o BC, seria interpretado pelos investidores como um compromisso claro do governo

com a manutenção da estabilidade de preços.

Constrangimento

No entender de Álvaro Bandeira, diretor da Corretora Ágora Senior, não há por que o BC aumentar a Selic, nem agora nem depois das eleições. "Uma eventual subida dos juros só se justificaria no caso de algum constrangimento externo, o que não é o caso", destacou. Ele assinalou que os preços do dólar estão acomodados, devendo fechar o ano em R\$ 3,05, uma fonte de pressão a menos sobre a inflação.

"O que temos visto é um aumento das *commodities* (mercadorias com cotação internacional) não-agrícolas, como o petróleo, cujos preços não devem se sustentar em patamares tão elevados nos próximos meses. Isso ajudará a inflação a recuar", previu Bandeira. (VN)